



SINDICATO DOS BANCÁRIOS



DE LUTA POR DIREITOS E DEMOCRACIA

## **Íntegra do discurso da presidenta do Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região, Ivone Silva, na solenidade que marcou o centenário da entidade**

Boa noite! Agradeço a presença de cada um de vocês.

É uma alegria enorme e muita emoção dar início às comemorações dos 100 anos do Sindicato dos Bancários e das Bancárias de São Paulo, Osasco e região. Teremos uma noite linda pela frente e tudo isso só é possível graças às trabalhadoras e os trabalhadores que construíram esta belíssima história.

Por isso, quero começar pedindo, antes de mais nada, uma grande salva de palmas para os bancários e bancárias de São Paulo, Osasco e região.

Estou muito emocionada em participar do centenário deste Sindicato, do qual me orgulho de estar à frente, como segunda mulher, e a primeira mulher negra a presidir esta importante entidade: que sempre lutou em defesa dos direitos dos trabalhadores e de um país mais justo.

Falar dos 100 anos de conquistas é lembrar e homenagear muitas pessoas!

Fizemos esta solenidade para agradecer e honrar aos que participaram ou participam deste centenário. Como os ex e atuais funcionários e funcionárias da entidade, aos atuais e ex-dirigentes sindicais, aos sindicatos que nos relacionamos no dia a dia, ao comando nacional, aos parlamentares (vereadores, vereadoras, deputados e deputadas e senadores e senadoras), aos representantes de bancos e da Fenaban, aos representantes do governo e aos representantes de movimentos sociais, partidários e das centrais sindicais aqui presentes.

Quero também cumprimentar os familiares dos dirigentes e funcionários aqui presentes. Quero agradecer a cumplicidade e compreensão de vocês, por nos darem apoio nas nossas lutas no dia a dia, e no nosso sonho de termos um mundo igualitário para nossos filhos, netos, irmãos, pais, irmãos, maridos, mulheres... Vocês também fazem parte da história dos 100 anos do Sindicato.

Eu não podia deixar de dar uma saudação especial aos ex-presidentes e da ex-presidenta do sindicato aqui presentes: Gilmar Carneiro, Ricardo Berzoini, Joao Vaccari Neto, Luiz Claudio Marcolino e Juvandia Moreira Leite. Eu aprendi e aprendo muito com vocês: Me sinto honrada de estar aqui com vocês.

Sintam-se todos homenageados nesta história coletiva.

Esta organização de trabalhadores bancários foi criada 35 anos depois da suposta “abolição” da escravidão. Não havia sequer uma regulamentação completa sobre as relações de trabalho no Brasil quando um grupo de bancários resolveu criar a associação, que depois seria transformada em Sindicato.

Como boa parte dos trabalhadores, os bancários de São Paulo inicialmente organizaram-se em torno de associações mutualistas e, depois, constituíram sua entidade sindical. Então, no dia 16 de abril de 1923, com a presença de 84 bancários, foram aprovados os estatutos e eleita a primeira diretoria da Associação dos Funcionários de Bancos do Estado de São Paulo, pioneira no Brasil.

Existem tantos elementos e razões que justificam essa trajetória que seriam impossíveis de serem contados aqui. Por isso, a minha fala não contará a história para vocês. A história está contada nas conversas com os nossos dirigentes históricos, naqueles bonitos painéis que estão colocados aqui, nos corredores do sindicato, nas paredes da quadra, e em tantas oportunidades que teremos ao longo deste ano. Lembro a vocês: hoje nós só estamos começando essa celebração.

E quero dizer que para nós essa celebração é necessária porque é preciso lembrar que a história de um Sindicato é a história de um coletivo de trabalhadores. São os bancários e bancárias que estão no centro de uma história de lutas e conquistas, não o sindicato.

Este Sindicato conviveu com o Estado Novo, com a ditadura Militar, com a difícil redemocratização do Brasil, com os governos neoliberais e com os governos democráticos populares.

Recentemente, após o impeachment da presidenta Dilma, lutamos contra um golpe que tentou restringir ou acabar com direitos e enfraquecer a luta dos trabalhadores. Esse desmonte também teve o objetivo de mudar um projeto de estado na promoção do desenvolvimento econômico e social para um projeto de concentração de renda, com um estado mínimo, entregando para o mercado inclusive a gestão das políticas públicas, com o congelamento dos gastos em saúde e educação, e com as reformas trabalhistas e da Previdência.

Este Sindicato sobreviveu ao pior governo que a democracia brasileira assistiu. Este Sindicato ajudou a derrotar nas urnas o fascismo, o negacionismo, a intolerância e o ódio. E preciso dizer que estamos alertas, e não deixaremos que as ameaças ao desenvolvimento e à democracia do Brasil se concretizem.

Não deixaremos que ninguém impeça o avanço da classe trabalhadora rumo a uma sociedade solidária, com respeito ao próximo e igualdade de oportunidades independente de origem, raça, classe, identidade de gênero e orientação sexual.

Isso porque fomos capazes de sobreviver às incertezas sobre o rumo da humanidade, na Segunda Guerra Mundial, na Guerra Fria e nas tantas crises econômicas que assolaram o mundo durante esse período. Fomos capazes de proteger a categoria bancária durante a pandemia e literalmente salvamos a vida de trabalhadores e trabalhadoras ameaçados por esse vírus que trouxe tanta tristeza para o nosso povo.

E não é por acaso que tivemos, historicamente, uma série de direitos conquistados. Desde a jornada de seis horas até o acordo de home office, uma coisa é comum à nossa história: apenas sindicatos fortes conquistam direitos e avançam na proteção dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora.

Em um Brasil que custa a aprender que as palavras instituição, democracia e representatividade só existem se andarem juntas, temos consciência da enorme importância das relações de trabalho na construção da democracia em uma sociedade. Por isso jamais hesitamos em dialogar, construir frentes, entender que a força da coletividade é sempre maior e exige compromisso, responsabilidade e ética nas nossas relações. No século XIX, o trabalho era considerado uma mercadoria como outra qualquer que, portanto, podia ser negociada de acordo com as regras de mercado, sem nenhuma interferência. Esse cenário gerou condições de trabalho, jornada e remuneração tão desumanas que a sociedade se mobilizou e passou a criar instituições para regular a relação de emprego, como as leis trabalhistas, a justiça do trabalho e a organização sindical.

Os últimos 30 anos provam o que eu estou dizendo. Nesse período, o projeto neoliberal tenta, a todo o momento, a retirada de direitos dos trabalhadores e da sociedade. Querendo impor retrocesso nos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

De outro lado, os mesmos 30 anos marcaram uma série de avanços de direitos da categoria bancária, e o fortalecimento dos sindicatos de bancários em todo o Brasil. Não é uma contradição. Prova que o movimento sindical da época entendeu que as soluções para o país não estão exclusivamente em São Paulo, e que o Brasil é grande e diverso.

Isso é a prova da importância da negociação coletiva e da perspectiva de que os trabalhadores são plenamente capazes de se organizarem e cuidarem dos seus próprios direitos de maneira democrática.

Essa é a razão que orienta a unificação da luta da categoria bancária em nível nacional. Temos uma Convenção Coletiva de Trabalho de abrangência nacional há mais de 30 anos. E nunca houve um ano sequer, mesmo nos períodos mais difíceis, em que retrocedemos na proteção dos bancários e bancárias do Brasil.

Construímos um exemplo contundente (e raro) de maturidade democrática e respeito institucional com a garantia de representatividade de toda a categoria bancária brasileira. Os bancos souberam entender que essa é a fórmula do



sucesso de uma sociedade democrática.

Este ano a da nossa Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), válida para todo o Brasil, e para bancos públicos e privados, na qual estão dezenas de conquistas, como jornada de seis horas, auxílio-creche/babá, vales refeição e alimentação, a 13ª cesta, PLR, igualdade de oportunidades, licença-maternidade de seis meses, programa de combate ao assédio moral, programa de combate a violência contra a mulher ,entre tantos outros, completa 31 anos. A nossa convenção se preocupa com cláusulas econômicas e sociais, e principalmente com as mudanças da sociedade.

Na nossa minuta de reivindicações de 2022 a categoria apresentou a proposta de jornada de 4 dias na semana. O debate principal é da classe trabalhadora, também ser contemplada com os benefícios da tecnologia nos processos de trabalho. Se a tecnologia é incluída para diminuição dos processos, ela também deve servir para a classe trabalhadora usufruir de mais tempo de lazer e com sua família.

Por isso eu quero cumprimentar aos representantes da Federação Nacional dos Bancos, a Fenaban, assim como as representações das instituições financeiras, a Contraf-CUT e o comando nacional que aqui estão. Nós temos consciência de que a nossa forma de negociar e de construir pontes ainda é o que existe de mais moderno e sustentável, política e economicamente na construção de uma sociedade.

O Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região também se preocupa não só em avançar para a categoria bancária. O Sindicato luta para que todos os brasileiros e brasileiras tenham garantia de direitos e uma vida digna. E é por isto que ajudamos a fundar a CUT - Central Única dos Trabalhadores , e o PT - Partido dos Trabalhadores. Por entender que a representação sindical faz parte de um sistema de instituições democráticas. Somente o Sindicato sozinho não muda o país.

Quero também aproveitar essa oportunidade para cumprimentar e agradecer profundamente a presença dos companheiros e companheiras das centrais sindicais, dos Sindicatos, e dos movimentos sociais. A nossa luta conjunta faz a diferença todos os dias na sociedade.

Aproveito para lembrar que teremos eleições daqui a alguns dias, e a única chapa a concorrer é composta de três centrais sindicais (CUT,CTB e Intersindical). Isto simboliza a importância da luta da classe trabalhadora ser unificada e não fragmentada.

Somos um sindicato que provou, e prova, diariamente, que o respeito à autonomia da classe trabalhadora consagrado pela auto-organização das eleições e do financiamento sindical independente é fruto da decisão da categoria e na negociação coletiva são os melhores meios de se garantir um sindicato com direito à greve, com direito de sentar a mesa de quem quer que seja com paridade de forças e capacidade plena de exigir respeito, justiça e responsabilidade com a classe trabalhadora.

Mais recentemente, a aliança entre o neoliberalismo e a ruptura democrática interrompeu um ciclo estável de eleições livres no Brasil. Ao mesmo tempo, houve uma nítida tentativa de destruição dos sindicatos, dos direitos dos trabalhadores, na construção de uma narrativa de prevalência do individualismo sobre a coletividade.

Mas nós vencemos. Conseguimos avançar em direitos e preservar o sindicato. Vencemos porque fomos capazes de proteger aquilo que é mais precioso: as nossas vidas. Que foram ameaçadas de tantas formas que chega a parecer ser por acaso estarmos aqui hoje. Mas não é. O Sindicato é, e precisa ser, a melhor expressão possível da soma dos nossos interesses mais humanos.

Portanto nosso papel é regular, interferir, melhorar as condições de trabalho de seus representados e, ainda num plano mais geral, auxiliar na construção de um modelo de desenvolvimento econômico que favoreça os trabalhadores de forma geral. Com todas as transformações econômicas observadas os objetivos do Sindicato permanecem sendo esses, no entanto cabe às organizações compreender as transformações para mudar estratégias de atuação e garantir o seu protagonismo na regulação da relação de trabalho.

A palavra que explica tudo é confiança. Como diria Emerica, “tudo o que nós tem, é nós”. Tudo isso só é possível porque existe uma categoria bancária que não desiste. Essa é a razão maior da nossa existência. Esse é um discurso de homenagem aos bancários e bancárias que, trabalhando pelas suas sobrevivências, construíram um sindicato, uma história e um país. E venceram. Aproveitem essa noite. Um beijo e um abraço